

A PERSONAGEM PRETA E O NARRAR-SE A SI MESMA NA OBRA “HISTÓRIAS DA PRETA”

LA PERSONAJE PRETA Y EL PROCESO DE AUTONARRACIÓN EN LA OBRA “HISTORIAS DA PRETA”

Vera Batista de Lima¹
Maria Helena Rodrigues Paes²

RESUMO: Considerando que os negros historicamente em nosso país teve experiências de exclusão que afetaram significativamente o processo de construção identitária e considerando a atual preocupação com a valorização e reconhecimento da diversidade, este artigo toma por objeto de estudo o Capítulo I da obra de Heloisa Pires de Lima, intitulada “Histórias da Preta”, que tem circulado nas salas de aula das escolas brasileiras. Nesse sentido as discussões parte do seguinte questionamento: De que modo a personagem Preta constitui sua identidade de negra ao narrar a si mesma no Capítulo I? O trabalho partiu do estudo da Literatura infanto-juvenil enquanto área de diferencial importância no desenvolvimento dos sujeitos culturais. Os conceitos de identidade e cultura foram tomados do campo dos Estudos Culturais, de modo especial, ancorados em Michel Foucault, Stuart Hall, Jorge Larossa, Gladis Kraechner, entre outros. Desta forma, ao entender que a Literatura é capaz de influenciar na maneira de interação dos sujeitos na sociedade, toma-se como apoio para fundamentação a Lei Federal nº. 10.639, de 09 de Janeiro de 2003, legislação especial que alterou o artigo 26 da LDB 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A citada legislação vem para reeducar as relações étnico-raciais no país, e combater o racismo e discriminação de grupos étnicos raciais. O artigo destaca a criticidade da autora sobre questões que envolvem a temática étnico-cultural afro-brasileira através de uma personagem narradora criança que narra sua experiência de desconforto em perceber-se negra diferente dos outros e nos sentidos que os outros dão ao se referir aos afrodescendentes. Ao narrar a si mesma a personagem *Preta* constitui sua identidade de negra.

Palavras-chaves: Literatura Infanto-juvenil, Cultura, Identidade, Narrativa, Afrodescendência.

RESUMEN: A lo largo de la historia, en nuestro país, los negros han sufrido experiencias de exclusión que afectan de manera significativa el proceso de construcción de la identidad. Teniendo en cuenta la preocupación actual sobre la valoración y el reconocimiento de la diversidad cultural, en este artículo se analiza el capítulo I del libro de Heloísa Pires de Lima, intitolado "Historias de Preta", que ha estado circulando en las escuelas en Brasil. Se busca averiguar cómo Preta define su identidad negra a partir de la autonarración en el capítulo I. El libro “Historias da Preta” es una obra de literatura juvenil y es, por tanto, un objeto relevante en el desarrollo de temas culturales. Los conceptos de identidad y de cultura son campos de

1 Professora graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Tangará da Serra. E-mail: veratg01@hotmail.com

2 Orientadora, Doutora em Educação, é docente lotada no Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Tangará da Serra e desenvolve pesquisa e extensão pelo NEED – Núcleo de Atividades, Estudos e Pesquisas sobre Educação, Ambiente e Diversidade. E-mail: ninhapaes@unemat.br

interés en los Estudios Culturales, conforme evidencian autores como Michel Foucault, Stuart Hall, Jorge Larrosa, Gladys Kaercher, entre otros. Para entender que la literatura es capaz de influenciar la formación y las relaciones de los individuos en la sociedad, tomamos como referente teórico la fundamentación de la Ley Federal. 10.639, del 09 de enero de 2003, una ley especial que modifica el artículo 26 de la LDB 9.394/96 (Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional). La referida legislación tiene como preocupación central una reeducación en relaciones étnico-raciales en el país, buscando dar combate al racismo y a la discriminación racial llevada a cabo contra los grupos étnicos. Este artículo pone de relieve la importancia crítica del tema afro-étnico-cultural de Brasil, el cual el libro “Historias da Preta” pone en circulación a través de un narradora personaje infantil, que relata sus malas experiencias debido al hecho de ser negra y, por lo tanto, diferente de los demás y de los sentidos que los otros dan al hecho de ser negro. Narrándose a sí misma, la personaje Preta define su identidad negra de una forma distinta a la establecida en la sociedad a lo largo de los tiempos.

Palabras clave: Literatura Infantil y Juvenil, Cultura, Identidad, narrativa, afro descendientes.

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa promover uma discussão no campo da literatura, do gênero Infanto-juvenil, apoiado em conceitos dos Estudos Culturais, que tem como foco o Capítulo I da obra da autora Heloisa Pires Lima intitulada “Histórias da Preta”, publicado pela Editora Companhia das Letras no ano de 1998. De modo especial, pretende-se discutir de que modo a personagem Preta narra a si mesma e, neste sentido, vai constituindo sua identidade negra.

A intenção pela temática surgiu a partir de observação de um excerto apresentado em um livro didático de Língua Portuguesa, do sétimo ano que circulou no ano de 2009, nas escolas públicas de Tangará da Serra-MT. Tal livro apresenta a obra “Histórias da Preta” como indicação de leitura complementar de conhecimento da história africana. Assim, o trabalho que aqui se apresenta discute questões que envolvem o negro na sociedade, pela via da narração dialogal crítica de uma criança negra apresentada na narrativa, ciente do riquíssimo conteúdo da referida obra. A publicação encontra-se dividida em 06 (seis) capítulos, cada um com historietas diversificadas que nos trazem o desafio de compreender a História da África numa perspectiva desmistificada, no sentido de incluir o continente com suas variadas etnias de inigualáveis valores históricos culturais. Assim sendo, tal abordagem da obra traz em si a personagem narradora, Preta, uma menina que narra o momento em que descobriu ser negra. O presente tópico permitirá compreender as questões que envolvem o negro na sociedade, seus anseios e mágoas, a partir da reflexão crítica de uma criança negra apresentada na literatura infanto-juvenil.

A temática, envolvendo questões étnico-culturais tem sido de grande importância e destaque em vários campos do saber, sendo reiterada através da Legislação 10639/2004, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação com a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira, além da Africana no ensino oficial. O objetivo da referida Lei é o de promover uma educação para a diferença com destaque para a valorização da diversidade étnico-cultural do país. Isso também se complementa com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que dispõem sobre políticas de valorização da pluralidade cultural do Brasil, a partir da educação, visando sempre à formação dos sujeitos com base no conhecimento de sua própria cultura.

Tal consenso prevê posturas educativas que objetivam promover ações afirmativas que assegurem a pluralidade étnica e garantam a todos o respeito e igualdade de direitos sociais que garantam aos cidadãos brasileiros uma sociedade democrática.

Nesse sentido, o momento é oportuno ao trazer tal abordagem para mais uma discussão no campo acadêmico. O trabalho busca cooperar com a mudança proposta na legislação e nos PCNs, acerca das medidas de ações afirmativas das culturas, além de reforçar a campanha reflexiva crítica sobre o tratamento dedicado ao longo dos tempos à cultura afro-brasileira. Nessa medida, as ações contribuem para a tendência do momento, ou seja, valorizar os afro-brasileiros como agentes formadores de culturas no âmbito nacional, considerando que as histórias literárias contribuem significativamente para a constituição de significados para as boas relações entre diferentes sujeitos culturais.

1. LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A literatura Infanto-Juvenil é um campo da literatura endereçado especialmente às crianças e jovens adolescentes. Isto inclui histórias fictícias e não fictícias infantis e juvenis, biografias, novelas, poemas, obras folclóricas ou culturais ou simplesmente obras que contenham e expliquem fatos da vida real.

De acordo com os ensinamentos de Coelho (2000), a literatura é fenômeno de linguagem modelada por uma experiência vital/cultural, político que direta ou indiretamente está ligado ao campo social e à determinada tradição histórica. É arte e, como tal, institui a relação de aprendizagem e vivência dos indivíduos. Da mesma forma, atua sobre as mentes onde se deliberam as vontades, ações, emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem enriquece as experiências durante a vida.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/ impossível realização [...]. Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. (COELHO, 2000, p. 27).

De acordo com a autora, a literatura infanto-juvenil traz em sua essência um pouco de realidade e um pouco do imaginário, ou seja, é representação do mundo, do homem através da palavra. Ainda complementa afirmando que a literatura Infanto-Juvenil é arte dedicada especialmente às crianças, jovens e adolescentes, pois essencialmente produz e mexe com as emoções e sentimentos infantis e juvenis a partir de seus conceitos. E como literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica de seu leitor/receptor.

O advento da industrialização no século XVIII propiciou o deslocamento de pessoas do campo para as cidades em busca de trabalho, igualmente, fez surgir uma nova forma de sociedade. Em paralelo a isso, cresce a massa ociosa urbana implicando na necessidade de ocupação diária com renda econômica mensal que pudesse financiar a família. Nesse sentido, os adultos tinham que disputar vaga de emprego com os pequenos, ressaltando que, nesse momento, não havia distinção entre adultos e crianças na sociedade burguesa. Contudo, a nova formação populacional urbana abre caminhos para o fenômeno de segmentar os indivíduos em relação à idade, através das ciências sociais e econômicas, apontando quais os lugares de ocupação desses indivíduos na sociedade.

A partir de então, os adultos se ocupam com os trabalhos de cunho produtivo econômico e, os mais novos, lhes restam se ocupar com o desenvolvimento da educação garantido pela família e a escola. Assim sendo, o recente modelo de organização social passa a considerar a criança diferente dos adultos com características próprias da idade, com necessidades diferenciadas na vida social. Valendo-se dessa segmentação do indivíduo surge a necessidade de haver meios que contribuíssem para tal desenvolvimento infantil, surgindo o estilo de Literatura Infantil e Infanto-juvenil em apoio ao desenvolvimento da criança.

Sobre o surgimento dessa literatura, Zilberman (2003, p. 15) comenta:

Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meio de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão.

Com base na discussão acima, entendemos que a criança somente foi compreendida como ser merecedor de tratamento diferenciado dos adultos com a reorganização familiar, a partir do novo sentido dado aos pequenos, ao mesmo tempo também implicou na necessidade de um lugar para se desenvolver a vida educacional das crianças.

A partir dessas mudanças de concepção, as relações no interior da família passam a ser estreitadas com mais afeto dirigida à criança assim, a valorização da criança distinguida nos moldes de faixa etária faz dela um ser que passa a merecer maior atenção por parte dos adultos. Seu sentido toma forma em ser vista como centro da organização familiar, cujo objetivo é fazer a criança alcançar a vida adulta dentro de uma ordem que garanta a ela perfeitas condições de saúde desenvolvimento intelectual.

2. NASCIMENTO DA LITERATURA NO BRASIL

No contexto brasileiro, a circulação de literatura destinada ao público infanto-juvenil teve início depois da implantação da Imprensa Régia, em 1808. Seus esforços conduziam a produção de demanda nacional até a tradução e adaptação das obras clássicas originárias da Europa.

A história da literatura infanto-juvenil no Brasil teve seu fortalecimento após o ideário político que visava um país modernizado, fortalecido numa perspectiva econômica e social, por meio da substituição da mão-de-obra escrava com um desenvolvimento que favorecesse a produção cafeeira nacional. Assim, conferiu a literatura maior demanda no mercado provocado por motivo de maior consumo da população no Brasil. Dessa forma, o advento político contribui para o desenvolvimento econômico provocando no contexto nacional, maior consumo de bens, no qual a literatura entra como símbolo de representação da população urbana favorecendo o conhecimento e a cultura, além de ser um elemento identificador da alta burguesia.

Apesar disso, após se adequar ao idioma brasileiro, a literatura clássica não perde seu espaço de sedução dos leitores infantis, mas renasce no Brasil por intermédio de Monteiro Lobato, a partir de histórias carregadas de representação típica nacional. Tais histórias repletas de personagens e fala infantil fazem emergir, deste modo, uma literatura tipicamente brasileira. Encontramos em Dias (2008), em estudo sobre a Identidade Cultural do Negro na Literatura Infantil de Monteiro Lobato, que o sentido desenvolvido na literatura de Lobato, enquadra-se no mundo infantil numa perspectiva lúdica, buscando trabalhar os valores e sentidos que as crianças sentem do mundo.

O escritor procurava representar à criança brasileira na sua linguagem, e no seu meio de convivência, e revestida com suas raízes raciais e culturais. Diante disso as novas roupagens, dado as suas obras em valorizar a convivência da criança, suas obras passa ser, diferenciada de outras literaturas destinada ao público infanto-juvenil, dado suas característica é reconhecida como gênero literário. (GOUVÊA, 2005, *apud* DIAS, 2008 p. 104).

Percebe-se que a preocupação do escritor era oferecer à literatura infantil valores das questões cultural do país e, também, que atendesse as representações do mundo das crianças através de sua própria linguagem. Continua a esclarecer que as obras destinadas às crianças passam a ser diferenciada das literaturas clássicas européias.

Castilho (2004) apresenta um segundo ponto de vista acerca da literatura de Monteiro Lobato, enfatizando que as obras produzidas por Lobato são de fundamental importância para o desenvolvimento da Literatura genuinamente nacional. Apesar disso, cita que o autor produziu falhas ao retratar a diversidade cultural do país. Vejamos o que o autor afirma a respeito da discussão:

Monteiro Lobato, é sem dúvida, um dos maiores escritores brasileiro, mas é necessário renovar os olhares com que se vêem as delicadas relações que o escritor estabelece entre a literatura e sua percepção do social e do histórico em relação à presença e ao valor do negro na sociedade brasileira. (CASTILHO, 2004 p. 108)

Ainda complementa que ao analisar as obras destinadas às crianças, é possível verificar que na literatura clássica infanto-juvenil traduzida e adaptada, o negro e sua cultura inexistem. Entretanto, na literatura brasileira o negro é silenciado para alguns autores e, para outros, é tratado quase sempre de forma desprezível e exercendo funções marginais.

Na forma acima descrita, a ausência do negro e a sua marginalização nos livros infanto-juvenis produzem uma realidade preconceituosa nas relações intersubjetivas assimiladas pelas crianças leitoras, além de contribuir para a sustentação de uma ordem racial incapaz de aceitar a diferença e manter a convivência harmoniosa entre a diversidade racial em nosso país.

Castilho (2004) ainda adverte que a visão de representação do negro na literatura tradicional evolui com o advento dos movimentos sociais, isso por meio das manifestações populares por direitos de igualdades, provocando nova perspectiva para a literatura. Dessa forma, a literatura, através de seu conteúdo, transformou este veículo de manifestação dos anseios populares, dando ênfase nas questões de conflitos de grupos étnicos existente no contexto nacional. Sobre a renovação e tendência da literatura Infanto-juvenil, o autor ensina

que:

A partir da década de 80, como resultados de pesquisas, estudos, propostas no campo acadêmico, e literário somadas a movimentos a favor da não discriminação, surgem autores com novas propostas de obras literárias para crianças. São livros que procuram romper com o imaginário estereotipado tão comum na literatura infanto-juvenil até então (CASTILHO, 2004, p. 110).

No mesmo sentido, Kaercher (2002. P. 107) enfatiza que “[...] a partir dos anos 1990, pôde assistir ao nascimento de um novo modo de representar o / a negro / a brasileiro na literatura infanto-juvenil e que, também, têm-se evidenciado outras posturas pedagógicas diante das questões étnicas”. Suas discussões se baseiam na atuação das práticas discursivas e não discursivas sociais que regulam e constituem o convívio entre negros e não negros no país.

A autora esclarece que no Brasil as questões da representatividade dos negros ainda são tratadas com certo desconforto nos produtos culturais, em específico a Literatura destinada aos públicos infantis. Apesar disso, acrescenta que a atualidade da literatura ao se tratar de representatividades étnicas, vem apresentando tímidas mudanças no que tange a representação, em especial dos afro-brasileiros. Segundo a autora, na atualidade é possível sair do estilo costumeiro, pois há prestígio de uma cultura em detrimento de outra.

As atuais mudanças incidem uma literatura Infanto-Juvenil com tendências em descrever o negro com suas afirmações culturais dotado de valores históricos capaz de contar suas próprias memórias.

3. NARRAR, LEMBRAR E RECONTAR

A leitura que se anuncia tem como base as discussões sobre narrativa postulada por Jorge Larrosa, de modo que o autor descreve o tema, a partir de apontamentos acerca de mecanismos que transformam os seres humanos em sujeitos com consciência de si mesmos. Nesse sentido e de acordo com o autor, o sujeito se fabrica no interior de certos aparatos pedagógicos, estes entendidos como além das práticas escolares, mais especificamente, no sentido de pedagogias culturais, seguindo dois procedimentos diferentes; um por via da *objetividade*, ou seja, aspectos do humano manipulável pelas técnicas institucionalizadas. A outra, a *subjetividade*, que se relaciona à posição do sujeito falante capaz de estar ciente em contribuir ativamente para produzir sua auto-identidade, por processos de habilidades narrativas. Assim dispõe o autor:

O processo narrativo ocorre por três vias: (contar, enumerar e ordenar), Assim, o processo narrativo atinge a finalidade de “*contar* uma história *enumerar*, *ordenar* os registros que conservamos o que se viu no passado, acompanhado da estrutura com *personagem* imbuído de continuidade e descontinuidade o *tempo* da história através da prestação de conta contamos o que ocorreu”. (LARROSA, 1994, p. 68)

Ainda sobre o argumento, o autor enfatiza *que nossas experiências* estão constituídas em grande parte a partir das narrações, que dão o sentido de quem “somos”, dependendo de grande parte dessas histórias que “ouvimos” e das que “contamos” aos outros. Assim, constitui o sentido de quem somos para nós mesmos no mundo.

Seguindo com a discussão da narrativa, faz necessário adotar as ideias da estudiosa Paes (2008) ao conceber a narrativa de forma dinâmica,

[...] como um dos elementos que constituem a rede cultural de produção de significados; uma das formas que nos possibilitam interpretar a vida e o mundo ao nosso redor e através das quais podemos nos interpretar. Deste ponto de vista, posso afirmar que uma das formas pelas quais nos constituímos como sujeito é através de histórias que circulam ao nosso redor – as que nos contam e as que contamos [...], “o que estabelecemos de valor”, “como nos posicionamos no mundo”, “que significados instituímos de mundo”, “que significados atribuímos aos outros”, “que significados atribuímos a nós mesmos”. (PAES, 2008. P. 81).

Para a autora, a narrativa esta inserida na cultura e a narrativa também produz a própria cultura, dando sentido por vias de um emaranhado processo que tem a ver com os significados de valores e ações conjuntas envolvidas, onde se constitui o sujeito num processo comunicativo e histórico.

Processo histórico porque de acordo com Jorge Larrosa vai se constituindo em operações de narração com a própria narrativa. Desta forma, constitui o sentido de quem somos para nós mesmo no mundo. Mas é preciso haver redes de comunicação no lugar que se produz, interpreta e medeiam histórias, onde podemos contá-las em determinados contextos e para determinada finalidades. Então, para estabelecer todo esse conjunto de processos narrativos o autor nomeia como lugar natural à cultura humana.

4. CONCEITUANDO IDENTIDADE

Atualmente tem havido muitos debates nos campos do saber, sobre os elementos que mantém e fixam as identidades culturais étnicas. Assim, torna-se indispensável trazer para a discussão os estudos de Stuart Hall (2004). Seu argumento parte da compreensão das

identidades, que por tanto tempo consideravam-nas solidas, entendimento de muitos estudiosos de concepção baseada na Modernidade, cujo entendimento está em declínio aceitando, então, a concepção e compreensão de fragmentação do sujeito moderno, até aqui visto como um sujeito inabalável fixo. Portanto, distingue três concepções diferentes de identidade: O Sujeito do Iluminismo visto como unificado em toda sua essência; O Sujeito sociológico, cuja compreensão reconhece a identidade interna própria do sujeito, mas também reconhece que pode ser transformada na interação social. Por último, o Sujeito pós-moderno, que na concepção do autor sustenta uma visão de identidade fragmentada, não fixa, que esta constantemente em transformação.

Além disso, com as mudanças culturais e sociais Stuart Hall as concebe como sendo campos que atuam e afetam o sujeito moderno, cujas mudanças ele chama de “modernidade tardia”. Tal condição, segundo o autor, passou a existir a partir do fenômeno conhecido como globalização, que caracteriza o contexto atual por rápidas e constantes modificações do sujeito cultural, provocando mudanças constantes nas sociedades modernas.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fraguimentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (HALL, 2004 p 09).

De acordo com o autor, a "crise de identidade" é parte de um processo amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas; a qual provoca certos desequilíbrios nas referências que antes davam as pessoas uma ancoragem estável, plena na cultura e na vida social.

Atualmente, as transformações culturais se apresentam em todos os seguimentos da sociedade provocando constantes mudanças estruturais. Tal percepção causa a perda de estabilidade de identidade que é sentida na individualidade do sujeito como deslocamento, levando ele a conviver com duplo deslocamento no campo social, cultural e de si mesmo, que antes era visto como unificado.

5. CONCEITUANDO REPRESENTAÇÃO

O saber do século XVI, pensamento clássico, partia da concepção de um mundo inseparado, semelhante ou dentro, como afirma Michel Foucault (1999), o mundo das (similitudes), no qual não havia a diferença entre coisas, em que tudo se mantinham em

ordem: as experiências, tradições e credibilidades. A partir do século XVII, o pensamento se afasta da ideia de semelhança e encaminha rumo ao deslocamento na ordem empírica que são os novos sentidos que damos para as tradições ou coisas, sobretudo, tendo origem nas primeiras ciências, que nesse caso, o avanço na aritmética prescreve a ideia de comparação e classificação das coisas considerando os elementos para a totalidade: através da Medida e a Ordem.

Assim, observa-se que a análise de comparação resulta em estabelecer duas relações de igualdade e desigualdade. Desta forma, a semelhança perde o papel de fundamentar a ordenação do pensamento Iluminista que operava o mundo em perfeita ordem das semelhanças.

O semelhante, que fora durante muito tempo categoria de saber – ao mesmo tempo forma e conteúdo do conhecimento – se acha dissociado numa análise feita em termos de identidade e de diferença; ademais, quer indiretamente por intermédio da medida, quer diretamente e como que nivelada a ela, a comparação é reportada à ordem; enfim, a comparação não tem mais como papel revelar a ordenação do mundo; ela se faz segundo a ordem do pensamento e indo naturalmente do simples ao complexo (FOUCAULT, 1999, p. 74)

Para esclarecer a ideia de Foucault sobre a representação, é possível utilizar o conceito de signo concebido de diferentes formas em tempos diferentes.

O classicismo o define segundo três variáveis. A origem da ligação: um signo pode ser natural (como o reflexo num espelho designa o que ele reflete) ou de convenção (como uma palavra, para um grupo de homens, pode significar uma ideia). O tipo da ligação: um signo pode pertencer ao conjunto que ele designa ou ser dele separado. A certeza da ligação: um signo pode ser tão constante que estamos seguros de sua fidelidade, mas ele pode ser simplesmente provável. (FOUCAULT, 1999 p. 80).

Afirma o autor que a análise da representação e a teoria dos signos estão em absoluto relacionadas entre si de modo que as representações estão ligadas entre si como signos, de modo que ambas formam sentido na decifração no que aparenta ser.

Se o signo é a simples ligação de um significante com um significado (ligação que é arbitrária ou não, voluntária ou imposta, individual ou coletiva), de todo modo a relação só pode ser estabelecida no elemento geral da representação: o significante e o significado só são ligados na medida em que um e outro são (ou foram ou podem ser) representados e em que um representa atualmente o outro. (FOUCAULT, 1999.p. 92).

De acordo com esta ideia, o fundamento empírico do homem do século XVI é substituído pela ordem científica vista também como a “era da razão” substituindo a hierarquia analógica pela análise: a semelhança passa a ser submetida à prova da ordem de classificação e oferece a possibilidade de seriar e dar identidade as diferenças. Além disso, com a nova forma de dar sentido ao mundo, a ruptura do pensamento Iluminista com o pensamento do racionalismo, também provocou a ruptura da linguagem com o pensamento da semelhança. A razão proporciona outro sentido de ver o mundo através da linguagem que assume novos poderes ao se desligar das semelhanças, toma forma de literatura com representação da subjetividade, criando nova forma de interagir com o leitor.

Segundo Paes (2008), a partir dos estudos de Ludwig Wittgenstein, aqueles compreendidos como *virada linguística* pode-se compreender que a linguagem não se resume a uma mera posição detonacionista, de falar sobre as coisas do mundo e de representar uma dada realidade. Ainda inspirada em Michel Foucault, a autora esclarece que as representações podem ser compreendidas “(...) como construções discursivas, encaixadas e regidas por regimes de poder, através das quais são validadas, legitimadas e naturalizadas como verdadeiras em dado tempo e espaço, o que lhes confere caráter de provisoriedade.” (PAES, 2008, p. 70). Ou seja, os sistemas de representações funcionam a partir de um dado contexto, o qual está sob efeito de diversos dispositivos, econômicos, sociais, políticos, culturais, etc. assim, os modos como representamos o mundo e a nós mesmos podem ser fluidos, incompletos e de infinitas formas.

6. ENSAIO DE ANÁLISE

O ponto de partida é compreender de que modo Preta narra a si mesma na narrativa “História da Preta”, da autora Heloisa Pires Lima, dando ênfase nas características que fazem a personagem se perceber negra no texto do Capítulo I da obra. Dizendo de outro modo, o capítulo em que Preta esclarece acerca de sua identidade. Ela nos conta uma história por ela vivida, e seus sentimentos nos apresenta suas experiências na narrativa. Para nos apontar tal experiência pessoal de si, Preta volta ao passado e inicia sua narração a respeito de como foi se percebendo negra no meio familiar e também sob o olhar de outras pessoas. A garota nos revela, a partir de reflexão crítica dialogal, o peso do estigma sentido por ela, ao se descobrir negra. Desta forma, narra sobre suas angústias, enfatizando particularidades de uma garota negra na tentativa desesperada pela busca de diminuir o impacto causado pela presente descoberta em perceber-se afro-brasileira.

Num primeiro momento, a personagem se preocupa em se apresentar, ou seja, identificar-se aos leitores da seguinte forma: “Cresci uma menina igual a todas as meninas e diferente de todas as outras”. Nota-se que Preta, mesmo tendo seu desenvolvimento natural igual a outras garotas, sentia que havia diferença ao ser comparada com as outras, à medida que fosse posta a prova, a cor da pele a subjugaria, por ser diferente. Ao se declarar diferente, a personagem pontua a percepção de si, a partir do olhar do outro. Nessa relação interpessoal inicia-se a formação de si num processo reflexivo que vai se assimilando ao longo do texto.

Em suas recordações, Preta enfatiza os laços familiares como sendo de extrema importância para o desenvolvimento interpessoal e sua autoafirmação. Isso se torna evidente, quando a protagonista narra sobre os momentos que mantinha contatos com os mais velhos da família e descreve o ambiente como lugar de conhecimento, afirmação individual e cultural por meio da relação estabelecida com os outros familiares. Na narrativa, a personagem fala do ambiente familiar como um lugar de apego e valores afetivos, onde leva a entender que também seja um elo simbólico de ligação com sua (ancestralidade) cultura africana. Isso se torna evidente quando descreve o tipo físico de sua avó.

A avó Lídia sempre ficava por ali, arrumando suas plantinhas, enchendo o mundo com cheiro de terra molhada. Nossa conversa era ela perguntar pouco e eu responder pouquinho. Mas tinha um amor que grudava a gente, uma na outra. Lá estava ela, a avó linda com sua cor negra, cabelo branquinho, olhos serenos, mas fortes e uma perna manca. (LIMA, 2005 p. 08)

Ao descrever sua avó, Preta destaca a vivência da família através da relação afetiva apresentada pelo amor entre ela e sua avó. Quando menciona as características físicas da avó, apresenta a beleza do negro com certo orgulho dando a entender que é preciso e necessário que os negros reconheçam a origem africana dotada da beleza que pode ser destacada socialmente. Deste modo, ao apresentar a Preta, uma negra, a autora Heloisa Pires Lima a idealiza em convivência e contexto familiar com representação atualizada do negro numa perspectiva dinâmica com sentido questionador da condição de representatividade estática do negro nos documentos escritos.

A personagem dá grande destaque na narrativa a sua tia Carula, sobre a qual relata boas lembranças do tempo de infância.

Era minha madrinha, a tia Carula, uma irmã de minha mãe, quem me chamava assim. Ela sempre chegava com um lençinho na cabeça e

uma sacola de palha cheia de novidades, que eu abria sentindo cheirinho de boneca nova, de joguinhos para brincar, de roupa bonita, de livrinhos de história com perfume de papel colorido. – Preta, vim te buscar! [...] E só ela sabia me chamar de Preta desse jeito que ficou tão doce. (LIMA, 2005. P.05; 08).

A tia Carula, que por sua vez Preta descreve como sendo uma mulher querida e de qualidades inigualáveis na arte de cozinhar e o estilo doce de dizer “Preta”, a princípio só trazia sentido de alegria, novidades, com perfumes e papéis coloridos. A importância do convívio familiar no texto é representada com muito afeto e de grande valor na visão da narradora e, igualmente, importante para construir sua identidade individual e coletiva ao afirmar-se negra de origem africana.

Preta leva o leitor a entender que, mesmo sendo uma menina, consegue distinguir a diferença de tratamento motivado pela cor da pele. Para ela até então a palavra “Preta”, dita pela família, apresenta intimidade, afeto, palavra doce de ouvir que dá um gosto de quero mais. O afeto entre Preta e a tia apresenta-se por meio das lembranças que sua tia Carula lhe presenteava; observa-se também certo sentimento de saudade na narração da personagem, percebido por meio das palavras em diminutivo. A doçura em ouvir seu nome só se apresenta na fala da tia Carula, no aconchego familiar. Já no dizer dos outros, Preta descreve que seu nome não apresenta o mesmo sentido dado pelos familiares, de forma que, seu nome quando dito pelo outros aparecem em letra minúscula o que leva a entender que se trata de discriminação por parte de seus colegas. Tal fato pode ser observado no relato que segue.

Olha que engraçado: quando os outros diziam que eu era preta eu achava estranho. – Eu não sou preta, eu sou marrom. Cor de doce de leite, como canela, como o chocolate, como brigadeiro. Cor de telha, cor de terra. Eu sou assim... Da cor dos olhos dos meus pais! E fui descobrindo aos poucos que eu era Preta marrom, uma menina negra. (p. 08)

Observa-se então que no argumento a narradora tenta negar sua condição em ser negra e procura justificar diversas outras cores até chegar ao veredicto final quando autodeclara sendo a Preta negra de origem afro-brasileira.

Por outro lado, tal reflexão enfatiza a dificuldade que as pessoas negras têm quando é preciso declarar seu tom de pele em se tratando da realidade brasileira. Assim, o apontamento remete à ideia de que é preciso haver o real conhecimento das raízes históricas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema aqui discutido, “De que modo a Preta narra a si mesma na narrativa Histórias da Preta”, nos apresenta ainda uma situação de rejeição do negro, por trazer em seus traços aspectos vistos como negativos, definidos pela cor da pele, cabelos crespos e traços fisionômicos. Sobretudo, a condição atual vivenciada pelo negro no país perpassa pelo imaginário social do passado construído e estabelecido como negativo com propósito de excluir a diferença. E por fim, perpetuado na historicidade brasileira concretizada, a partir da discriminação.

Nesse sentido, tal imaginário até então, mantém os negros distantes de serem vistos como povos bem conceituados, merecedores de respeito e igualdade social. Além disso, as questões que envolvem o tratamento dedicado aos negros na sociedade atual, hoje são tratadas com base em leis, normatizações educacionais e outros projetos que visam desconstruir o imaginário social através de trabalhos e ações afirmativas. Garantidos nos objetivos que levam a refletir e incluir na história do Brasil a história dos afro-brasileiros como integrantes desta população e toda sua contribuição dada para a formação da história nacional.

Conforme o estudo de Muller (2009), em defesa da Lei 10369/03, os povos Afro-brasileiros tiveram sempre suas memórias revestidas no imaginário social, como povos representantes de sentimentos e ações negativas. Tais condições são estreitadas ainda pelas ideologias de relações raciais como o ideário do branqueamento, que configurava superioridade de raças estabelecida ainda no regime escravagista brasileiro, conferindo às pessoas de pele branca o sentimento de importância superior e, às pessoas de pele escura, como de segunda categoria.

Com tal argumento, configura o sentimento de que Preta manifesta no texto sobre aceitar ou negar a condição de ser afro-brasileira. Diante da negação histórica do negro, não apresenta também boa alternativa para a personagem Preta se declarar negra quando se sabe que no imaginário social do país sempre se rejeitou a cultura de origem África negra como bom modelo para fortalecer a cultura interna no Brasil.

Enfim, na obra, Preta, ao narrar a si mesma, abre caminhos para trazer a discussão de como é ser negro no olhar do outro, considerando os sentidos dado para diferenciar os afro-brasileiros em relação às pessoas não negras no Brasil. Além do mais, Preta busca reconstruir a autoestima do negro baseada na valorização afetiva construída no ambiente familiar em conjunto com os valores estéticos próprios da negritude.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos, apresentação dos temas transversais. – Brasília. MEC.SEF, 2001.

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. 113f. Volume 7. No 001. Iniversidade Estadual Ponta Grossa Ano 2004. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/684/68470108.PDF>. Acesso em: 20/10/2011.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. 1a ed. – São Paulo: Contexto, 2000.

DIAS, Alfrancio Ferreira. A Identidade Cultural do Negro na Literatura Infantil de Monteiro Lobato. 109f. Universidade Tiradentes. Volume 3. Ano 2008. Disponível em http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IN_D_3/SESSAO_L_FORUM_PG_103_109.PDF. Acesso em: 23/10/2011.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas/ Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. – 8a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KAERCHER, Gládis. As representações do / a Professor/ a negro/ a na literatura infanto-juvenil ou sobre os fluxos das águas. In. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org) Professoras que as histórias nos contam. Rio de Janeiro. 2002. Cap.4. P. 93 – 108.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do EU e Educação In. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). O Sujeito da educação: estudos Foucaultianos. 3a ed. Petrópolis, RJ. Vozes. 1994. Cap. 3. P. 35 - 86.

LIMA, Heloisa. Pires: Histórias da Preta. 2a. Ilustrações Laurabeatriz. 2a ed. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

MEYER, Dagmar Estermann. Etnias, Raça e Nação: o Currículo e a Construção de Fronteiras e Posições Sociais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). O Currículo nos limiares do Contemporâneo. 2a ed. Rio de Janeiro 1999. Cap.3. p. 69 – 82.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. Educação e diferenças: os desafios da Lei 10.63- [et al.]. – Cuiabá: EDUFMT, 2009.

Paes. Maria Helena Rodrigues. Representações cinematográficas “ensinando” sobre o índio brasileiro: selvagem e herói nas tramas do império. 196 f.Tese[Doutorado em Educação] - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

REIS, Janesmare Ferreira dos. A Representação Étnica – Racial e de Gênero na Obra Infanto-Juvenil: Luana, a Menina que Viu o Brasil Nenen. Disponível em:

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós-modernidade / Stuart Hall, tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracirã Lopes Louro – 9a ed. Rio de Janeiro: AP&A, 2004.
<http://www.smeq.salvador.ba.gov.br/site/DOCUMENTOS/ESPACO-VIRTUAL.PDF>. Acesso 23/10/2011.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11a ed. Ver. Atual. E ampl. – São Paulo: Global, 2003.

para que possa fazer a autoafirmação de si como pertencente de dada cultura. Ao contrário, isso se torna vago sem uma identidade coletiva. Tanto que, para autodeclarar-se negra a personagem passou por diversos tons até chegar a ser a Preta, uma negra.

É importante observar no texto a importância da linguagem quanto ao sentido que ela provoca por meio da fala nos discursos sociais. Ao tratar de estereótipos, pontos específicos discutidos na narrativa, a fala pode ser utilizada tanto para exaltar, fortalecer ou enfraquecer o outro. Pois como descreve Larrosa (2004, p. 84). “Os estereótipos são lugares do discurso, o que todo mundo diz, o que todo mundo sabe”. Observa-se que na atualidade, apresentar o negro numa perspectiva dotada de valores históricos que mesmo idealizado com beleza própria da cultura, dentro de estruturas familiares, ainda traz o sentido consolidado nas ideologias do passado constituídas de estereótipos desqualificadores da diferença. Desse modo, Preta, ao afirmar na narração sua identidade como afro-descendente, se vê como pessoa de valor e passado formado com sentidos positivos a respeito da população negra. Apesar de muitos pontos negativos, entende que ela tem uma história construída ancorada por lutas e glórias como qualquer outra cultura, mas sendo necessário combater o sentido de exclusão da diferença para formar uma sociedade solidária e humanizada.

Mais adiante no texto, pontualmente na página 09 do livro, a personagem narra que, “ainda que todo mundo seja africano na origem, nem todo mundo é visivelmente negro hoje em dia”. Com isto, Preta segue a discussão dizendo que: “nem todos descendentes africanos são negros”. Tal discussão se apresenta consolidada no discurso que rotula a pessoa conforme sua cor, seu tipo físico, em que se convoca os estereótipos quando não há o que dizer ou que querem conhecer.

Outro exemplo importante de reflexão crítica de Preta é quando descreve sobre que tudo existe ou as pessoas que vem da África. Seu dialogismo define que a palavra, *Afro*, vem da origem africana. E para ser reconhecido como tal tem que apresentar a “origem na cara”, ou seja, na cor da pele. Dessa forma, Preta se vale do não dito, pois na narração da personagem ela leva a entender que o africano não negro não traz consigo o estigma do estereótipo *Afro* como os “verdadeiros” negros – bem estabelecidos na cor da pele –, ao designar sua origem.

Tal estigma negativo recai também sobre a terra pátria descrita pela literatura como terra esquecida pelos Deuses. Esse imaginário negativo insistentemente atravessou o mar, atracou em nossas terras, se fortaleceu com o sentido dedicado aos negros na escravidão, e ainda hoje dissemina discórdia por diferença sociocultural.